



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

UNIDADES ORGANIZATIVAS E POVOAMENTO NO EXTREMO OCIDENTAL DA CIVITAS NORTE-LUSITANA DOS INTERANNIENSES: UM ENSAIO

Armando Redentor¹, Alexandre Canha²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral a realização de uma análise de natureza ensaística sobre povoamento e unidades organizativas antigas no setor ocidental da *civitas* que na Antiguidade teve capital na atual cidade de Viseu, plausivelmente a dos *Interannienses*.

Palavras-chave: Povoamento; Unidades organizativas; Épocas pré-romana e romana; Norte da Lusitânia; Análise territorial SIG.

ABSTRACT

The general objective of this paper is to carry out an analysis of an essayistic type on the settlement and autochthonous social units in the western sector of the *civitas* which in antiquity had its capital in the current city of Viseu, plausibly that of the *Interannienses*.

Keywords: Settlement; Autochthonous social units; Pre-roman and roman periods; North of Lusitania; GIS territorial analysis.

1. INTRODUÇÃO

A Ocidente, a extensão da *ciuitas* dos *Interannienses* atinge a serra do Caramulo. Aí se localiza, no termo de Silvares, Tondela, um singular marco divisório rupestre (*trifinium*), que estabelece a divisão entre três unidades organizativas, que se equaciona poderem ser de nível intermédio entre as *cognitiones* e a própria *ciuitas*, plausivelmente *gentilitates*.

Relativamente a este tipo específico de unidades sociais que se têm por autóctones e perduram em época romana, integradas nos enquadramentos sociojurídicos da população estabelecidos pela nova ordem jurídica, tem-se considerado que teriam, a par de laços de parentesco que as estruturam, expressão territorial.

Os objetivos específicos desta investigação ensaística passam por apresentar os registos das referidas unidades organizativas e analisar o povoamento dos setores que, de acordo com a inscrição triconfinal,

lhe poderão ser potencialmente atribuídos. Em termos metodológicos retoma-se o estudo epigráfico da inscrição do Cabeço Letreiro e de outras das imediações que igualmente aludem a uma das unidades organizativas referidas, coadunado com o exame do povoamento pré-romano e romano. Analisa-se para tal a distribuição e características dos sítios, avaliando diferenças e/ou semelhanças em termos de proximidade/afastamento, implantação, morfologia, em cada um dos setores geográficos extrapoláveis da informação epigráfica.

Para a concretização dos objetivos recorre-se a algumas ferramentas de análise SIG para a criação de modelos teóricos, como é o caso dos *heatmaps* ou mapas de densidades tendo por base a estimativa Kernel e do MADO (Modelo de Acumulación de Desplazamiento Óptimo), este utilizado para analisar a relação entre fluxos de movimento natural e a localização de inscrições que delimitam as unidades

1. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; CEIS2o / aredentor@uc.pt

2. CEAACP / alexcanha@gmail.com

organizativas, tendo também sempre em consideração outras variáveis relacionadas com a hidrografia.

2. O NORTE DA LUSITÂNIA E O OCIDENTE DA CIVITAS COM CAPITAL EM VISEU

A parte mais setentrional da Lusitânia, tal como se concebe em época romana, tem correspondência com os territórios meridionais ao rio Douro, com alguma exceção nomeadamente a montante da foz do rio Tua, onde provavelmente terá ultrapassado este vincado marcador paisagístico que continua, hoje, a utilizar-se como fonteira, quer intranacional, quer internacional (Fig. 1).

Na sequência de proposta fundadora de López Cuevillas (1933) tem vindo a entender-se a designada *cultura castreja* com extensão meridional até ao rio Vouga, abrangendo realidades orográficas relevantes como as serras de Montemuro, da Freita, da Gralheira e do Caramulo. Mais para o interior, as terras do Alto Coa e o rio Águeda terão constituído a linha de fronteira, nem sempre fácil de traçar, entre comunidades associadas à entidade étnica dos Vetões e as que configuram a realidade territorial do interior lusitano, ainda incipientemente caracterizadas.

A partir do momento em que estes territórios entram na órbita de Roma, e de modo mais consistente a partir dos tempos augustanos, assiste-se a uma renovação das estruturas sociopolíticas e do próprio povoamento, mas há igualmente permanências estruturais. Algum do povoamento persiste e determinadas organizações sociais perseveram por entre os novos enquadramentos político-administrativos, tal como matizes ao nível religioso, linguístico e cultural. Não resta dúvida que nestes territórios, ao se transformarem em componentes provinciais do Império Romano, apareceram delineamentos paisagísticos novos de compromisso entre as formações sociais autóctones, com suas dinâmicas próprias, e o poder de Roma (Redentor e Carvalho, 2017).

A novel estrutura administrativa, delineada por volta da viragem da era, vai criar uma rede de *ciuitates* que enformam as realidades sociopolíticas autóctones, servindo os interesses de integração territorial protagonizados pelo regime imperial romano. Acessoriamente à criação das estruturas basilares da estrutura administrativa provincial, é lançada uma rede viária consistente que possibilita a comunicação e alavancagem dos diferentes territórios submetidos a uma lógica de exploração imperialista.

Ao centro do Norte lusitano definiu-se a *ciuitas* que teve capital em Viseu cujo território se estende a setentrião do curso do Mondego e até possivelmente ao Paiva, aquém das serranias de Montemuro. A nordeste, talvez tenha alcançado, como limite, troço do curso do rio Távora imediato à serra da Lapa – sendo na atualidade parcialmente fonteira distrital entre Viseu e Guarda – prolongando-se pela ribeira da Muxagata até ao Mondego. A sudoeste, o curso terminal do Dão e o seu fluente Cris podem ter servido de limite, que as serras do Caramulo e da Arada estabelecem em grande medida a poente. Não há hoje dúvida sobre a capitalidade desta *ciuitas* se situar na cidade de Viseu, cujo nome antigo poderá ter sido **Vissaium* (Carvalho, Carvalho e Perpétuo, 2022). Estes limites agora enunciados decalcam em grande medida a proposta de J. L. I. Vaz (1997), mas com adaptações decorrentes da interpretação territorial à luz das características orográficas e hidrográficas mais notáveis e do seu valor como marcador territorial até ao presente. Do ponto de vista histórico-arqueológico apenas podemos contar com um marcador territorial coevo, que é o *terminus Augustalis* de Guardão (AE 1954 88; Cortés Barcena, 2013, pp. 66-69, nº 12), localizado na vertente oriental da serra do Caramulo e que, com relativa segurança, poderá ser relacionado com o limite desta *ciuitas*, como veremos adiante.

Tem-se apontado que a *ciuitas* com sede em Viseu poderia ser a dos *Interannienses* (Alarcão, 1988, p. 39; Vaz, 1997, pp. 325-326). A grafia da forma etnonímica, transmitida por Plínio (*Nat.*, 4, 118), mas também presente na célebre inscrição da Ponte de Alcântara (CIL II 760), é por vezes hodiernamente apresentada como *Interamnienses*, ainda que a mesma não apresente fundamento nas fontes epigráficas e literárias (Guerra, 1998, pp. 462-465), sendo a relação com esta que está na base de uma atribuição linguística latina, com um significado semântico de “entre dois rios” (cf. Curchin, 2007, p. 143). Não é objetivo deste trabalho explorar esta questão, mas como notou Vaz (1997, p. 326), o território que se poderá atribuir à *ciuitas* viseense é bastante marcado pela presença de cursos fluviais, que inclusive poderão ter tido um papel de relevo na delimitação territorial, com provável exceção nos limites ocidentais da *ciuitas*, como perspetivamos. Este investigador, concebendo o etnónimo como latino, considera, nesse mesmo passo, que tal designação é atribuída pelos romanos talvez porque *não existia na área um único povo, mas um mosaico de etnias que dividia entre si o território*.

O referido *terminus Augustalis*, de época augustana, e integrante de uma série que se reconhece no centro de Portugal e nas províncias de Salamanca e Ávila, terá coincidido com linha de fronteira entre *ciuitates* (Redentor e Carvalho, 2017, pp. 420-424). Não obstante, este *terminus*, tal como outro mais ocidental, localizado em Ul (Oliveira de Azeméis), encontra-se incompleto na sua parte final, onde figuraria a referência às comunidades que o mesmo separaria. Relativamente ao de Ul (AE 1958 10; Cortés Bárcena, 2013, pp. 60-62, nº 10), o posicionamento geográfico permite supor que estabeleceria a divisão entre os *Turduli Veteres* e os *Talabrigenses*, isto é, entre as duas *ciuitates* litorais mais setentrionais, considerando o posicionamento dos *Paesures* mais interior e imediato ao Douro (Redentor e Carvalho, 2017).

Com este pressuposto, torna-se plausível que o *terminus* de Guardão estabelecesse a divisão entre a *ciuitas* dos *Interannienses* e o espaço territorial atlântico meridional aos *Turduli Veteri*, plausivelmente dos *Talabrigenses*, designação coletiva que é decalcada do topónimo *Talabriga*, *mansio* da via *Olisipo-Bracara Augusta* que antecede *Lancobriga* e cujo assentamento, possivelmente o Cabeço do Vouga, se tem proposto como capital da *ciuitas* (Alarcão, 2004, pp. 325-327) confinante, a sul, com a de *Aeminium*, cuja capital corresponde à atual Coimbra (Redentor e Carvalho, 2017, p. 419).

A plausibilidade de o rio Mondego ter marcado a separação entre a *ciuitas* com sede em Viseu e a que teve capital em Bobadela, Oliveira do Hospital, eventualmente associada aos *Tapori* (Redentor e Carvalho, 2017, p. 422), torna pouco plausível que estivesse em causa na demarcação esta circunscrição. A datação do *terminus* é augustana, posterior a 2 a. C., mas não é possível precisá-la, ainda que possivelmente se possa pensar numa aproximação aos meados da primeira década d. C., considerando a cronologia dos restantes conhecidos no Norte lusitano. Comparativamente a estes outros, o texto documenta a intervenção do *legatus Augusti pro praetore Q. Articuleius Regulus*, o qual terá tido intervenção direta na solução de qualquer contenda que teve como objeto limites territoriais a envolverem os *Interannienses* e plausivelmente os *Talabrigenses*. A ocidente, a fronteira da *ciuitas* terá passado neste ponto da serra do Caramulo e o *terminus Augustalis* figuraria junto a uma via secundária procedente de Viseu (Alarcão, 2006, p. 133) ou no limite confinal, que eventualmente poderia associar-se à linha de festo caramula-

na, estando, assim, hoje deslocado na capela de São Bartolomeu de Guardão. É, deste modo, admissível que o território da *ciuitas* litoral pudesse adentrar-se mais para o interior, pelos relevos meridionais do Caramulo a sul da implantação do *terminus*. É um território que, por exemplo, se encontrará integrado na diocese de Coimbra nos inícios da nacionalidade, estendida até às alturas ocidentais da serra da Freita, denotando, neste contexto, conexão com o litoral (cf. Morujão, 2010). Nesta perspetiva, o texto do *terminus* poderá ter correspondido ao seguinte:

IMP(erator) CAESAR DIV[I F(ilius) AVGVSTVS CO(n)S(ul)] / XIII TRIB(unicia) POTEST(ate) [---P(ater) P(atriciae) TERMINVS] / AVGVST(alis) INTER [TALABRIG(enses) ET INTERANN] / IE(n)SES Q(uintus) ARTIC(u)LEI[VS REGVLVS LEG(atus) AVG(usti)] / CAVSA COGNIT[A ---]

O Imperador César Augusto, filho do Divino, cônsul pela décima terceira vez, no seu [---] poder tribunício, pai da pátria. Término Augustal entre Talabrigenses e Interannienses. O legado Quinto Articuleio Régulo, conhecida a causa...

A abreviatura do primeiro étnico tem paralelo noutros *termini* augustanos, como no recentemente encontrado em Jarandilla de Vera entre [---] *obri(genses) et Auile(n)s(es)* (HEp 13, 242).

3. UNIDADES ORGANIZATIVAS E O TRIFINIUM DA SERRA DO CARAMULO

O posicionamento de Vaz (1997, p. 334) relativamente à justificação de um suposto nome latino para a circunscrição administrativa sediada em Viseu, com base na existência de uma série de etnias no território que abrange, não se afigura robusto, desde logo porque a forma étnica, *Interannienses*, terá origem autóctone (Guerra, 1998, pp. 459-460 e 463). Todavia, a epigrafia regional regista a presença de estruturas sociais de nível suprafamiliar que decerto terão origem pré-romana e que poderemos designar de unidades organizativas (González Rodríguez, 1986), as quais se afiguram ativas no quadro político-administrativo imposto por Roma. A inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire), uma das poucas inscrições extensas que são repositórios da língua lusitana (MLH IV, L.2.1), apresenta, em contexto claramente votivo, precisamente uma dessas unidades organi-

zativas que procedem da organização social autóctone: os *Veamnicori* (cf. Guerra, 1998, pp. 655-656; Prósper, 2002, pp. 61-62). Será um dos exemplos da permanência de unidades organizativas autóctones no contexto de uma nova estrutura sociojurídica e administrativa, mas cuja caracterização enquanto formação social não está perfeitamente clarificada, pese embora o facto de Vaz (1997, p. 335) sugerir a sua adscrição a um povoado concreto situado entre a serra de S. Macário e Lamas de Moledo – sugere mesmo o povoado de S. Martinho das Moitas ou o de Castro Daire. Não obstante, a interpretação da inscrição na sua totalidade, dedicada a um par de divindades indígenas, apontará no sentido de dar a estes *Veamnicori* um entendimento mais amplo enquanto unidade organizativa, também acorde com a análise linguística proposta por Prósper (2002, pp. 62-68) para este étnico, que aponta para “aqueles cujos exércitos se lançam contra o inimigo”.

A análise das unidades organizativas autóctones é complexa e exigirá uma reavaliação crítica abrangente dos dados epigráficos disponíveis diretamente atinentes a nomes de natureza etnonímica. Não obstante, temos no extremo ocidental do território proposto para a *ciuitas* um conjunto de registos epigráficos rupestres que merecem, desde já, particular atenção deste ponto de vista (Fig. 2).

Praticamente na divisória entre os concelhos de Tondela e Vouzela, na freguesia de Caparrosa e Silves, pertencente ao primeiro daqueles municípios, localiza-se uma inscrição rupestre romana que constitui um *trifinium*, identificando três unidades organizativas distintas e a divisão dos seus respetivos territórios. O texto, recentemente revisto (Redentor, 2021a, pp. 209-211, nº 6), é o seguinte:

Topo: TRI(*finium*)

Setor sul: IACVGONTIOR(*um*) / AQVAE
DIVERTIO

Setor norte: H(*ic*) . F(*inis*) . / SEAR//EA(*rum*) /
AQ(*uae*) . D(*ivertio*)

Setor este: {HA(*c*)} // [H]AC / ARVONI

Topo: *Divisão tripartida*. Lado sul: *Dos*
Iacugontii pela divisão de água(s). Lado norte:
Aqui o limite dos Seareae, pela divisão de água(s).
Lado este: {*Por aqui*} *Por aqui, os Aruoni*.

Considerando o contexto geográfico de implantação desta inscrição, poderão entender-se, à partida, es-

tas entidades comunitárias como tendo dimensão inferior à *ciuitas/populus*. Mas certamente estar-se-á acima do nível das *cognationes*, que epigraficamente se traduzem pela utilização de genitivos de plural associados às nomenclaturas individuais. Este nível, correspondente a parentesco sanguíneo, aparece documentado numa inscrição próxima, também rupestre. Trata-se da inscrição votiva de Corgas Roçadas (Redentor, 2021a, pp. 202-205, nº 1; 2021b), situada no termo de Fornelo do Monte, com a dedicatória *Paisicaicoi*, realizada por um indivíduo de estatuto peregrino, *Aseo Celti Celteio(rum)*. As do *trifinium* serão plausivelmente unidades organizativas de nível superior e que terão tido expressão territorial conforme se depreende da inscrição. A divisão territorial aí assinalada enquadra-se modelarmente na realidade oro-hidrográfica circundante, considerando que a localização do penedo epigrafado coincide com a divisão de águas entre as encostas norte e sul deste ponto da serra de caramulana, separando as bacias hidrográficas do Vouga e do Mondego. É precisamente a divisão de águas que, segundo a inscrição, separa os *Seareae* e os *Iacugontii*, a norte e sul respetivamente, enquanto que os *Aruoni*, seguindo o mesmo registo, se associam à faixa que se encaixa com essa divisão e tem continuação para nascente. Precisamente a norte da cumeada do Cabeço Letreiro, onde implanta o penedo epigrafado, existem mais duas inscrições rupestres que reportam à entidade referida para esse setor territorial, ambas no território da freguesia vouzelense de Fornelo do Monte. Trata-se das inscrições rupestres de Matoussendas ou Manhosandas (Vaz, 2000, p. 482; 2001, p. 196, nº 5 = AE 2001, 1156 = HEP 10, 752) e do Cabeço do Esporão (Redentor, 2021a, p. 212, nº 8). Esta última poderá apenas conter a abreviatura SEAR(*ae?*), antecedida por uma outra linha que poderá não ser coeva. A primeira poderá ter funcionado não só como marcador territorial, mas também como eventual indicador de direção do espaço da unidade organizativa, considerando a seguinte leitura: SEAREAS / R(*e*)G(*io?*), a qual se poderia eventualmente interpretar como “Direção para os Seareae (?)” (Redentor, 2021a, pp. 211-212, nº 7). A inscrição rupestre votiva de Corgas Roçadas supracitada igualmente tem enquadramento neste âmbito territorial.

As unidades organizativas identificadas no *trifinium* serão talvez de um nível intermédio entre as *cognationes* e a *ciuitas/populus*, desde logo pela questão da territorialidade. Não obstante, o registo epigráfico

não faz referência expressa a unidades organizativas de nível superior como se verifica mais para o interior lusitano: *Gapeticorum gentilitatis*, Oliva de Plascencia, Cáceres / *Capera* (CIL II 804); *gent(ilitate) [---]ntobi(orum?)*, El Cerezo, Cáceres (HEp 2009, 77 = AE 2009, 540); *gentilitas Polturiciorum*, Alcains (HEp 2009, 559 = AE 2009, 512); *gentil(itas) Aesuriorum*, Monte de São Martinho, Castelo Branco (AE 2003, 862 = AE 2004, 718, sendo preferível *gentil. a genti[s]*); *Talusicoru(m) gentilitatem et Gadarensium*, lugar indeterminado da Lusitânia (AE 2017, 672). Os dois registos mais ocidentais são os da Beira Interior e também neste contexto se encontra documentada a organização em *cognationes*, bem expressa um gentílico de plural associada a uma denominação peregrina: *Silo Angeiti f. Maguacu(m)* (AE 2019, 664).

4. O(S) POVOAMENTO(S) PRÉ-ROMANO E ROMANO NO CONTEXTO CARAMULANO DO EXTREMO OCIDENTAL DA CIVITAS COM CAPITALIDADE EM VISEU

O setor caramulano revela duas grandes dimensões fisiográficas, por um lado o relevo imponente da própria serra do Caramulo, com orientação NE-SW, e por outro um conjunto de vales correspondentes a importantes linhas de água que genericamente se dividem entre bacia do rio Vouga, a norte, e a bacia do Mondego, a sul, nas quais se incluem, os afluentes Alfusqueiro, Águeda e Alcofra, da primeira, e Dão e Cris, da segunda. Tanto as características orográficas como hidrográficas condicionam e, de alguma forma, conferem distinção ao povoamento regional ao longo do primeiro milénio a. C.

No que se refere aos primeiros séculos do milénio, que genericamente podemos adscriver à Idade do Bronze Final e transição para a Idade do Ferro, observam-se, de acordo com inferências recentes (Canha, 2021; 2022), duas formas de ocupação do espaço diferenciadas, espelhadas em registos de povoamento distintos.

Uma corresponde a sítios de ambiente serrano caramulano como são os casos de: 1. Zibreiro, 2. Gralheiro, 3. Outeiro do Castro, 4. Outeiro das Bouças (Canha, 2021, pp. 105-111), 14. Guardão (Vaz, 1997, p. 114), 8. Cabeço da Moura (Cardozo, 1976, pp. 207-210; Mack, 2022, II, p. 32), 20. Chão Carvalho (Silva, 2007, p. 160; Queiroga, 2001, p. 30), 39. Cabeço de S. Domingos (Bento e Miranda, 1990; Carvalho, 2013, p. 70), 42. Cabeço Murado (Leitão *et al.*, 1995); Mack,

2022, II, p. 28) e 40. Cabeço do Aro (Silva, 2007: 161; Carvalho, 2013, p. 72), este já localizado na área do maciço da Gralheira. Está-se perante arqueossítios que apresentam uma cultura material bastante pobre, caracterizada por cerâmicas de fabrico grosseiro, sem decoração ou com motivos muito simples, como entalhaduras nos bordos. Perante a ausência quase sistemática de escavações arqueológicas, desconhece-se como se articulavam e estruturavam os espaços habitacionais. Contudo, estes sítios caramulanos apresentam um traço morfológico comum, materializado na existência de estruturas pétreas que delimitam perifericamente a área possivelmente habitacional, caracterizadas por conformações frustes e irregulares, muitas vezes, talvez não mais que simples enrocamentos de pedras. Essas estruturas não surgem isoladas, mas em alinhamentos duplos ou triplos, em que apenas a interior, por vezes, encerra a perimetralidade, enquanto as outras se dispõem nos arcos cardeais orientados para uma paisagem de proximidade.

Outro grupo de sítios implanta-se a altitudes mais baixas, em zonas de vale ou de encosta, mas ocupando geralmente pontos destacados na paisagem e/ou dominando importantes cursos hídricos. Com base nas observações realizadas para a zona oriental de Lafões, está-se perante sítios que revelam uma cultura material bastante mais diversificada, com cerâmicas com melhores acabamentos e ricamente ornamentadas, inseríveis no tipo Baiões/Santa Luzia, a que se podem juntar outras, como as de sulcos brunidos. Do ponto de vista da sua morfologia, estes sítios parecem não revelar estruturas periféricas como as supracitadas, pelo menos visíveis na atualidade, ainda que sejam mencionadas e, nalguns casos, documentadas, como nos povoados de N. Sra. da Guia (Silva, 1979; Kalb, 1978; Silva *et al.*, 1984; Vilaça, 2020, p. 306) e de Santa Luzia (Vaz, 1983).

Para a Idade do Ferro, em concreto nas suas fases inicial e plena, os dados são muito limitados neste contexto da região de Lafões, mas é possível equacionar um quadro de quase imperturbabilidade, em que as transformações sociais praticamente inexistem e as económicas são muito limitadas. Parece manter-se uma propensão para sociedades tendencialmente horizontais, ainda que o foco económico passe a ser o controlo dos recursos de um território, em detrimento de um controlo das redes de movimento (Canha, 2022, pp. 291). Este cenário traduz-se quer na manutenção de ocupação de sítios pre-

viamente habitados no primeiro quartel do milénio, quer na fundação de novos sítios.

No que se refere à morfologia dos assentamentos, é plausível um quadro em tudo semelhante à fase antecedente, com estruturas de delimitação periférica muito incipientes ou mesmo inexistentes. Maiores alterações, deste ponto de vista, poderão ter ocorrido nos momentos iniciais do processo de ocupação romana, induzindo um processo de fortificação de sítios que previamente possuíam estruturas de delimitação sem marcado cariz defensivo, passando agora a ostentar imponentes muralhas. São os casos de sítios como: 59. Cabeço do Couço (Pedro, 2000), 56. Paços de Vilharigues (Girão, 1921, p. 6; Pedro, 1995, p. 24; Vaz, 1997, p. 174; Canha, 2021; 2022), 46. Cárcoda (Tavares, 1954; 1975; Vaz, 1997, p. 83; Pedro, 1995, p. 17; Canha, 2022), 50. Ucha (Girão, 1921, pp. 60-61; Pedro, 1995, p. 16; Vaz, 1997, pp. 91-92; Canha, 2022), entre outros.

Perante este cenário, já se levantou a suposição de este processo de fortificação poder não decorrer de um processo de reação à chegada romana, mas corresponder antes a uma ação concertada entre o novo poder e os que aceitaram esse domínio, admitindo-se que seria reflexo de uma necessidade de proteção relativamente a comunidades que se revelaram hostis ao processo inicial de ocupação (Canha, 2021; 2022). Não obstante, o processo será decerto mais complexo e multifacetado, não podendo o recurso à monumentalização ser encarado como resultado exclusivo de estratégias belicistas.

Para a fase romana, os dados disponíveis são muito diversos, quer para o povoamento, quer para uma rede infraestrutural que passa a articular a paisagem, ela própria objeto de novo paradigma em termos de exploração de recursos. Em termos de povoamento, a realidade que mais interessa ao propósito desta abordagem, assiste-se naturalmente a uma diversificação da tipologia de sítios. A par da permanência de assentamentos da fase pré-romana, há outro tipo de povoamento disperso, como *uillae* e casais, mas também ocupações de mais difícil classificação apenas com base nos vestígios de superfície, classificáveis genericamente como habitats, para além de outros diversos indícios, muitos deles achados isolados. Amiúde torna-se impossível uma datação fina dos vestígios, pelo que se assume apenas a sua pertença ao período romano, grosso modo, estendido entre o século I a. C. e o século IV d. C. Regionalmente, a par de recintos fortificados surgem outras

formas de ocupação do espaço desde povoamento aberto e organizado em pequenos núcleos familiares até grandes cidades como seria o caso da capital da *ciuitas*. Não obstante, há tendencialmente ocupação em zonas de vale, mas assistindo-se a uma complementaridade na exploração dos recursos, geológicos e agro-silvo-pastoris, que transcendem obviamente a ecologia do vale, como comprovam as inscrições rupestres que apresentámos.

5. ENTRE A INCERTEZA E A MUDANÇA AO TEMPO DOS ROMANOS

Como referido anteriormente, as unidades organizativas com registo na inscrição do Cabeço Letreiro são verosimilmente de nível intermédio entre as *cognationes* e o nível da *ciuitas/populus*. A territorialidade que se infere desta epígrafe, bem como das restantes referentes aos *Seareae*, aponta também nesse sentido, pois esta é uma característica que se tem proposto quer para as *gentilitates*, quer para as *gentes*. Em função do conhecimento progressivo de referências às primeiras em contexto lusitano ponderamos, à partida, a hipótese se estar perante unidades assim definíveis. Há evidentemente que fazer referência a uma inscrição de *Conimbriga* com registo de uma unidade organizativa (*CIL* II 365) que tem sido unanimemente identificada como *gens Pintonu(m)*. Descoberta nos inícios do século XIX, não se encontrava íntegra e encontra-se desaparecida, sendo razoável que suscite dúvida a sua leitura. A peça foi objeto de uma primeira edição (Castelo Branco 1849, pp. 387-388) que todos os autores posteriores seguem sem confirmar a correção da leitura *gentis*, que eventualmente poderá ter sido dada de modo equivocado. Ocorrem-nos as dificuldades que, já neste século, levanta a inscrição albicastrense do Monte de São Martinho (Encarnação, 2003 e 2009; Guerra, 2016), pelo que, em última análise, não se deveria desprezar a hipótese de uma eventual abreviatura *gentil(itas)* e de esta unidade organizativa ter na inscrição também o papel de dedicante. A investigação sobre as unidades organizativas tem demonstrado a complexidade do tema, quer em termos de eventuais equivalências entre designações, quer da sua utilização diferencial em contextos geográficos distintos (cf. Alarcão, 2003) e, sem outros dados, para o caso caramulano não se poderá definitivamente recusar que essas unidades poderão ter sido designadas como *gentes*. O termo *gentilitas* tem

uma atestação reduzida, mas agora também com clara presença na Lusitânia, e para este exercício fazemos presentes as observações de M. C. González Rodríguez (1986 e 1994, p. 159-160) relativamente a este tipo de unidades organizativas, ao considerar o provável desprovimento de natureza política, contrariamente ao que supõe para as *gentes*, mas atribuindo aos seus membros vínculos de parentesco fictício, para além de outros de natureza territorial, distanciando-se, assim, dos grupos que se baseiam em relações de parentesco real, consanguíneo, com expressão nos genitivos de plural ou *cognationes*.

Não existe, na realidade, uma métrica que possamos utilizar para a definição do território de unidades organizativas como estas. O caso dos *Seareae* poderá ser de utilidade neste âmbito, considerando a sua localização entre as encostas do alto em que se posiciona o *trifinium* do Cabeço Letreiro e o limite ocidental da *ciuitas*; a nordeste, será talvez de entender que um curso hidrográfico como o do Vouga poderá ser suficientemente notável para essa função. Não obstante, para a avaliação do território e do povoamento tomaram-se também passos metodológicos baseados em ferramentas de análise SIG, com o fito de auxiliarem este esforço ensaístico de atribuição de áreas geográficas a realidades sociais suprafamiliares.

As características naturais do território, à falta de outra informação diferenciadora de carácter socio-cultural – como a ergologia, por exemplo – perfeitamente sistematizada no estado atual do conhecimento já adquirido, são importantes neste exercício, nomeadamente a orografia e a hidrografia. O relevo, no caso concreto, foi um marcador claro, associado à rede hidrográfica. Neste aspeto são de relevância não só as linhas de água *per se*, mas também as próprias bacias indissociáveis da morfologia serrana, uma vez que existiria na Antiguidade, e decerto nos tempos pré-romanos, uma noção profunda dessa realidade, dado que, como se deduz da inscrição do Cabeço Letreiro, se recorre à divisão de águas, no caso às bacias do Mondego e Vouga, como forma de delimitação territorial. Aliás, toda a epigrafia confinal rupestre já referida reforça a importância destes fatores.

A utilização de ferramentas básicas de análise SIG foi experimentada com vista aos objetivos. Em concreto, recorreu-se à determinação de fluxos de movimento potencial e a *heatmaps* relacionados com o povoamento. No que se refere aos fluxos de movimento (Fábrega-Álvarez e Parcero-Oubiña, 2007, p. 125), a sua determinação reveste alguma comple-

xidade e baseia-se no princípio de que determinados fatores físicos influenciam o movimento humano, recorrendo-se à utilização de modelos computacionais alicerçados no pressuposto de que tanto o declive como as linhas de água condicionam a deslocação no espaço (atrito/custo), numa relação de distância-custo, o que se traduz num resultado de otimização de caminhos. Para tal, o custo é medido através de uma fórmula de gasto de energia, traduzido em tempo de marcha de acordo com as mencionadas duas variáveis, praticamente imutáveis ao longo do tempo. No respeitante aos mapas de densidade atinentes ao povoamento, não são mais que o resultado do cálculo de zonas com maior concentração de assentamentos através de densidade de Kernel, acentuando áreas de maior convergência a partir de raios de 5 km. Para o efeito, foram realizados três mapas de densidade distintos (fig. 2-4): um primeiro referente ao povoamento da Idade do Bronze Final/Idade do Ferro, tendo por base o pressuposto que, na região, durante grande parte do I milénio a. C. não se assistiu a transformações sociais, económicas e arquitetónicas de monta, ao intuir-se existir uma continuidade (Canha, 2022, p. 359); outro concernente ao final da Idade do Ferro e às mudanças que aparentam ocorrer por esta altura, em que se incluem novos amuralhamentos; um terceiro para abarcar todo o povoamento da época romana.

Foi possível identificar vários fluxos de movimento em direções diversas nesta parte do território, sendo precisamente um dos mais consistentes o que percorre a cumeada onde se encontra o Cabeço Letreiro, reforçando a sua importância como limite territorial. Um outro que lhe é *grosso modo* perpendicular, com direção NO-SE, cruza-o precisamente no Cabeço Letreiro e poderá auxiliar à separação territorial das outras duas unidades organizativas: os *Aruoni* estendidos até ao vale do Vouga e alcançando para o interior o rio Asnes e parte do rio Pavia; os *Iacugontii*, abaixo da referida linha de fluxo, alcançando possivelmente o curso do Dão a nascente e tendo a poente o limite da *ciuitas* e as cumeadas em que se insere o Cabeço Letreiro na divisão com os *Seareae*. Reforça-se que esta linha de altura é coincidente com o referido importante fluxo de movimento com direção NE-SO que segue as alturas do Caramulo e vai além do curso do Vouga. Assim esboçados, afiguram-se territórios com áreas não discrepantes entre si e que mostram determinados paralelismos de povoamento na fase pré-romana e romana.

No que se refere ao povoamento da Idade do Bronze Final/Idade do Ferro, tomando como base de referência geográfica o conjunto de inscrições que poderão corresponder a pontos de divisão das unidades organizativas, encontramos na parte ocidental do território duas manchas de densidade distintas: uma composta pelos povoados de 1. Zibreiro e 2. Gralheiro e outra, a NO, já não do topo da serra do Caramulo, mas na falda ocidental, composta pelos povoados de 25. Murada da Várzea, 41. Monte Castelo e 42. Cabeço Murado. Encontram-se estes dois grupos separados por uma importante linha de água (nível 8 de Strahler), o rio Alfusqueiro. Para o lado oposto da cumeada caramulana, claramente separado das áreas anteriores pelo fluxo de movimento de sentido NE-SO, regista-se uma mancha de grande extensão definida por cinco povoados: 3. Outeiro do Crasto, 4. Outeiro das Bouças, 5. Sra. do Castelo, 15. Outeiro Murado e 45. Alto do Castro de Ribamá. Ainda mais a oriente regista-se um outro núcleo sediado no rio Pavia e seus afluentes, como o 52. Castelo dos Mouros e o 65. Castro de Três Rios, situados frente a frente. Mais para sul, define-se outra mancha com notória densidade de sítios na zona do rio Dão, já claramente em plena bacia do rio Mondego, que inclui os de 16. Ferreirós do Dão, 17. Alto da Cavada, 29. Malcata e 30. Outeiro de Castelo Beijós. De uma forma geral, estes sítios encontram-se em pontos de efetivo controlo visual (a menos de 2100 m) das zonas que potencialmente poderão corresponder a fluxos de movimento, uma tendência já observada na região para sítios desta cronologia (Canha, 2022, p. 280). O panorama do povoamento integrável nos momentos finais da Idade do Ferro e transição para o domínio romano, caracterizado, em muitos casos, por sítios amuralhados com boa capacidade defensiva, apresenta, na área mais ocidental antes referida, dois núcleos: um mais a poente, correspondente ao 59. Cabeço do Couço, e outro a nordeste, definido pelo povoado de 56. Paço de Vilharigues. No lado oriental, o povoado do 45. Alto do Crasto de Ribamá, cuja origem remontará ao primeiro quartel do milénio (Canha 2021, p. 109). Ainda mais para oriente e já para lá da importante linha de água que é o rio Pavia (nível 8 de Strahler) localizam-se os sítios de 52. Castelo dos Mouros, 65. Três Rios, e 53. Viseu. A sul, na zona de Tondela, os sítios de 54. Sra. do Castro e 64. Nandufe formam uma mancha de densidade associada a afluentes do Dão (Asnes e Dinha) e um pouco mais a ocidente, já na serrania caramulana, destaca-se o po-

voado de 14. Guardão. A distribuição de sítios desta fase parece manter a tendência para a ocupação setorialmente tripartida antes vista, mas é clara a existência de deslocamento do povoamento de pontos culminantes ou destacados na paisagem, para locais de cotas mais baixas e menos proeminentes.

Na fase de ocupação romana, são notórias as diferenças. Há uma evidente muito baixa densidade de povoamento na área ocidental, talvez pelo carácter iminentemente serrano deste território, decerto menos apelativo na lógica de exploração de recursos da época, mais intensamente orientada para áreas baixas de vale. Na parte nascente, identificam-se duas grandes manchas de densidade, uma centrada na zona de Vouzela-Queirã e outra mais oriental, e ex-cêntrica, correspondente à zona de Viseu. A sul, é na zona de influência do rio Dão, na zona de Tondela, que incide a concentração de povoamento, havendo a registar também na área de Santa Comba Dão uma mancha de menor densidade.

Na longa diacronia, a análise do povoamento parece afigurar-se consistente com a divisão tripartida dos territórios, concentrando-se nessas partições, ao longo do primeiro milénio, núcleos de maior densidade de povoamento, ainda que com flutuações, conforme as estratégias de ocupação impostas por diversos fatores, nomeadamente económico-sociais, em cada um dos momentos analisados. E, concretamente no período romano, os dados parecem ser consistentes com essa tripartição territorial urdida na organização social autóctone suprafamiliar, ainda que afetando diferencialmente cada setor. A ocupação afigura-se mais forte a norte e nordeste, para onde se posicionam os *Aruoni*, com maior proximidade ao Vouga e seus afluentes. É igualmente forte na parte setentrional da área atribuível aos *Iacugontii*, em áreas de altura ou já mais abertas e de fácil deslocação, como apontam os fluxos de movimento, sendo de notar que as áreas meridionais a Tondela parecem apenas ganhar atratividade na fase romana. Nas áreas mais serranas do setor norte-ocidental, atribuível aos *Sereae* na tripartição assinalada pela inscrição do Cabeço Letreiro, o signo é de rarefação do povoamento nesta fase romana. Mais para oriente, o curso superior do rio Asnes afigura-se poder ter sido centro de área diferenciada em termos de povoamento, onde se destaca o sítio de Viseu na sua longa diacronia, e que, sob o domínio romano, vai polarizar a capitalidade cívica da novel estrutura administrativa imposta pelo poder romano.

Em jeito conclusivo será de sublinhar, apesar de tudo, a dificuldade que há em compaginar a informação epigráfica com a arqueológica em termos de incidência territorial. Assim, os resultados esboçados através deste ensaio devem ser olhados como tal e não como propostas apodíticas de delimitação, pois, desde logo, baseiam-se em pressupostos que nem sempre correspondem a um conhecimento suficiente da realidade arqueológica.

Apesar de as áreas territoriais debuxadas se afigurarem potencialmente adaptáveis e compagináveis com uma espacialidade associável a unidades organizativas de natureza suprafamiliar como as que afloram regionalmente, importa que haja ainda um incremento substancial ao nível dos dados, quer do lado do registo epigráfico, quer do referente ao conhecimento arqueológico dos povoados e da sua ergologia, no sentido de potenciar um conhecimento mais aproximado à realidade intrínseca de cada um, quer em termos de registo material, quer em termos de diacronia ocupacional.

Assim, sendo a natureza desta abordagem ensaística, as conclusões sobre um território e realidades sociais ainda pouco conhecidos não podem galgar essa mesma dimensão.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

ALARCÃO, Jorge (2003) – A organização social dos povos do Noroeste e Norte da Península Ibérica nas épocas pré-romana e romana. *Conimbriga*. Coimbra. 42, pp. 5-115.

ALARCÃO, Jorge (2004) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – I. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7:1, pp. 317-342.

ALARCÃO, Jorge (2006) – Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – IV. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 9:1, pp. 131-147.

BENTO, Maria José J.; MIRANDA, Maria José (1989-1990) – *Carta arqueológica do concelho de Sever do Vouga*. Sever do Vouga: Câmara Municipal de Sever do Vouga (trabalho policopiado).

CANHA, Alexandre (2021) – “Chronica” da visita a algumas antiguidades de Vouzela: apontamentos sobre o povoamento do 1.º milénio a.C. ... e uma história. In *Atas das I Jornadas de Arqueologia Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal, pp. 101-123.

CANHA, Alexandre (2022) – *Paisagens fortificadas e monumentalizadas da “Beira-Douro”: arquiteturas, cenários e simbologias*. Coimbra: FLUC (Tese de Doutoramento policopiada).

CASTELO BRANCO, José B. Canais de Figueiredo (1849) – Diferentes inscrições. In *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa. vol. 1, pp. 385-395.

CARDOZO, Mário (1976) – Apontamentos de Etnografia da Beira Alta. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 86, pp. 187-226.

CARVALHO, Pedro Cardoso; CARVALHO, Pedro Sobral; PERPÉTUO, João (2022) – *Vissaium*, a cidade lusitana redescoberta. In NOGALES BASARRATE, Trinidad (ed.). *Ciudades Romanas de Hispania II / Cities of Roman Hispania II. Hispania Antigua*. Roma; Bristol: Museo Nacional de Arte Romano; L’erma di Bretschneider, pp. 393-412.

CARVALHO, Pedro Sobral (2013) – Proto-história: controlo, domínio e poder. In *Genius loci: o espírito do lugar*. Sever do Vouga: Câmara Municipal de Sever do Vouga, pp. 68-75.

CORTÉS BÁRCENA, Carolina (2013) – *Epigrafía en los confines de las ciudades romanas: los Termini Publici en Hispania, Mauretania y Numidia*. Roma: L’Erma di Bretschneider.

CURCHIN, Leonard (2007) – Toponyms of Lusitania: a Re-assessment of their Origins. *Conimbriga*. Coimbra. 46, pp. 129-160.

ENCARNAÇÃO, José d’ (2003) – Da ambiguidade e da certeza. *Conimbriga*. Coimbra. 42, pp. 117-128.

ENCARNAÇÃO, José d’ (2009) – Dos monumentos epigráficos da *Civitas Igaeditanorum*. *Praça Velha*. Guarda. 26, pp. 162-171.

FÁBREGA-ÁLVAREZ, Pastor; PARCERO-OUBIÑA, César (2007) – Proposals for an archaeological analysis of pathways and movement. *Archeologia e Calcolatori*. Firenze. 18, pp. 121-140.

GIRÃO, Aristides Amorim (1921) – *Antiguidades pre-históricas de Lafões: contribuição para o estudo da Arqueologia de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz (1986) – *Las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea de Hispania*. Vitoria-Gasteiz: Instituto de Ciencias de la Antigüedad, Universidad del País Vasco (Anejos Veleia Series Maior; 2).

GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz (1994) – Reflexiones sobre las unidades organizativas indígenas del área indoeuropea. In GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz; SANTOS, Juan, eds. – *Revisiones de Historia Antigua, 1: las estructuras sociales indígenas del Norte de la Península Ibérica*. Vitoria: Instituto de Ciencias de la Universidad del País Vasco, Servicio Editorial (Anejos de Veleia. Acta; 1), pp. 139-166.

GUERRA, Amílcar (1998) – *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: FLUL (Tese de Doutoramento policopiada).

GUERRA, Amílcar (2016) – Entre Lusitanos e Vetões: algumas questões histórico-epigráficas em torno de um território de fronteira. In SOUSA, Ana C.; CARVALHO, António; VIEGAS, Catarina, eds. – *Terra e Água: Escolher sementes, invocar*

a Deusa: estudos em homenagem a Victor S. Gonçalves. Lisboa: UNIARQ/ FL-UL (Estudos & Memórias; 9), pp. 425-437.

KALB, Philine (1978) – Senhora da Guia, Baiões: die Ausgrabung 1977 auf einer Höhensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, pp. 112-138.

LEITÃO, A. M.; RODRIGUES, J. A.; PEREIRA, S. (1995) – *Subsídios para o levantamento arqueológico do concelho de Oliveira de Frades*. Coimbra: FLUC (Trabalho académico policopiado).

LÓPEZ CUEVILLAS, Florentino (1933) – A área xeográfica da cultura norte dos castros. In *Homenagem a Martins Sarmiento: miscellanea de estudos em honra do investigador vimaranense, no centenario do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, pp. 99-107.

MACK, Pietro Musso (2022) – *O I milénio a. C. na bacia do médio e baixo Vouga: sítios ocupados e cultura material*. Coimbra: FLUC (Dissertação de Mestrado policopiada).

MORUJÃO, Maria do Rosário B. (2010) – *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; FCT.

PEDRO, Ivone (1995) – *O povoamento proto-histórico na região de Viseu*. Porto: FLUC (Dissertação de Mestrado policopiada).

PEDRO, Ivone (2000) – O Cabeço do Couço, Campia, Vouzela. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP, pp. 345-357.

PEREIRA MENAUT, Gerardo (1993) – *Cognatio Magilancum*. A propósito de la investigación sobre las sociedades indígenas del Norte de Hispania. In GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, María Cruz; SANTOS, Juan, eds. – *Revisión de Historia Antigua, 1: las estructuras sociales indígenas del Norte de la Península Ibérica*. Vitoria: Instituto de Ciencias de la Universidad del País Vasco, Servicio Editorial (Anejos de Veleia. Acta; 1), pp. 105-116.

PRÓSPER, Blanca María (2002) – *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca (Acta salmanticensia. Estudios filológicos; 295).

QUEIROGA, F. R. (2001) – *Inventário patrimonial de Vale de Cambra, I: arqueologia*. Vale de Cambra: Câmara Municipal.

REDENTOR, Armando (2021a) – Epigrafia romana no concelho de Vouzela. In *Atas das I jornadas de Arqueologia Vouzela-Lafões*. Vouzela: Câmara Municipal, pp. 199-219.

REDENTOR, Armando (2021b) – *Paisicaicoi: uma deidade na bruma caramulana. Mátria XXI*. Santarém. Nº especial evocativo em memória do Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, pp. 229-254.

REDENTOR, Armando; CARVALHO, Pedro C. (2017) – Continuidade e mudança no Norte da Lusitânia em tempos de Augusto. In MANGAS, Júlio; MAYORGAS, Ana, eds. – *La*

Hispania de Augusto (= Gerión 35 num. esp.). Madrid: Ediciones Complutense, pp. 417-441.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2007) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. 2.ª edição. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da; SILVA, Celso Tavares da; LOPES, António Baptista (1984) – Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro de Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul). *Lucerna*. Porto. Homenagem a D. Domingos Pinho de Brandão, pp. 73-95.

SILVA, Celso Tavares da (1979) – O castro de Baiões (S. Pedro do Sul). *Beira Alta*. Viseu. 38:3, pp. 509-531.

TAVARES, Manuel Correia (1954) – O Castro da Cárcoda de Carvalhais, S. Pedro do Sul. *Beira Alta*. Viseu. 13:3, pp. 333-338.

TAVARES, Manuel Correia (1975) – Ruínas arqueológicas da Cárcoda. *Beira Alta*. Viseu. 34:3, pp. 265-294.

UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert = MLH IV.

VAZ, João Luís Inês (1983) – *Monte de Santa Luzia, Arqueologia e Ambiente* (Prospeto de exposição da Feira de S. Mateus, 5-12 de Setembro de 1983).

VAZ, João Luís Inês (1997) – *A civitas de Viseu: espaço e sociedade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro. 2 vols. (História regional e local; 2).

VAZ, João Luís Inês (2000) – Epigrafia rupestre e *populi* da serra do Caramulo na época romana. In PACI, Gianfranco, ed. – *Miscellanea epigrafica in onore di Lidio Gasperini, I*, Roma: Tipigrai, pp. 479-486.

VAZ, João Luís Inês (2001) – Mais uma inscrição rupestre da Serra do Caramulo. In Vaz, João L. I., ed., *Saxa scripta: actas do III Simpósio Ibero-Itálico de Epigrafia Rupestre*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu (Coleção Ser e Estar nº 6), pp. 189-197.

VILAÇA, Raquel (2020) – O Ocidente Peninsular de há 3000 anos num cruzamento de escalas: itinerários das coisas e das pessoas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, pp. 281-316.

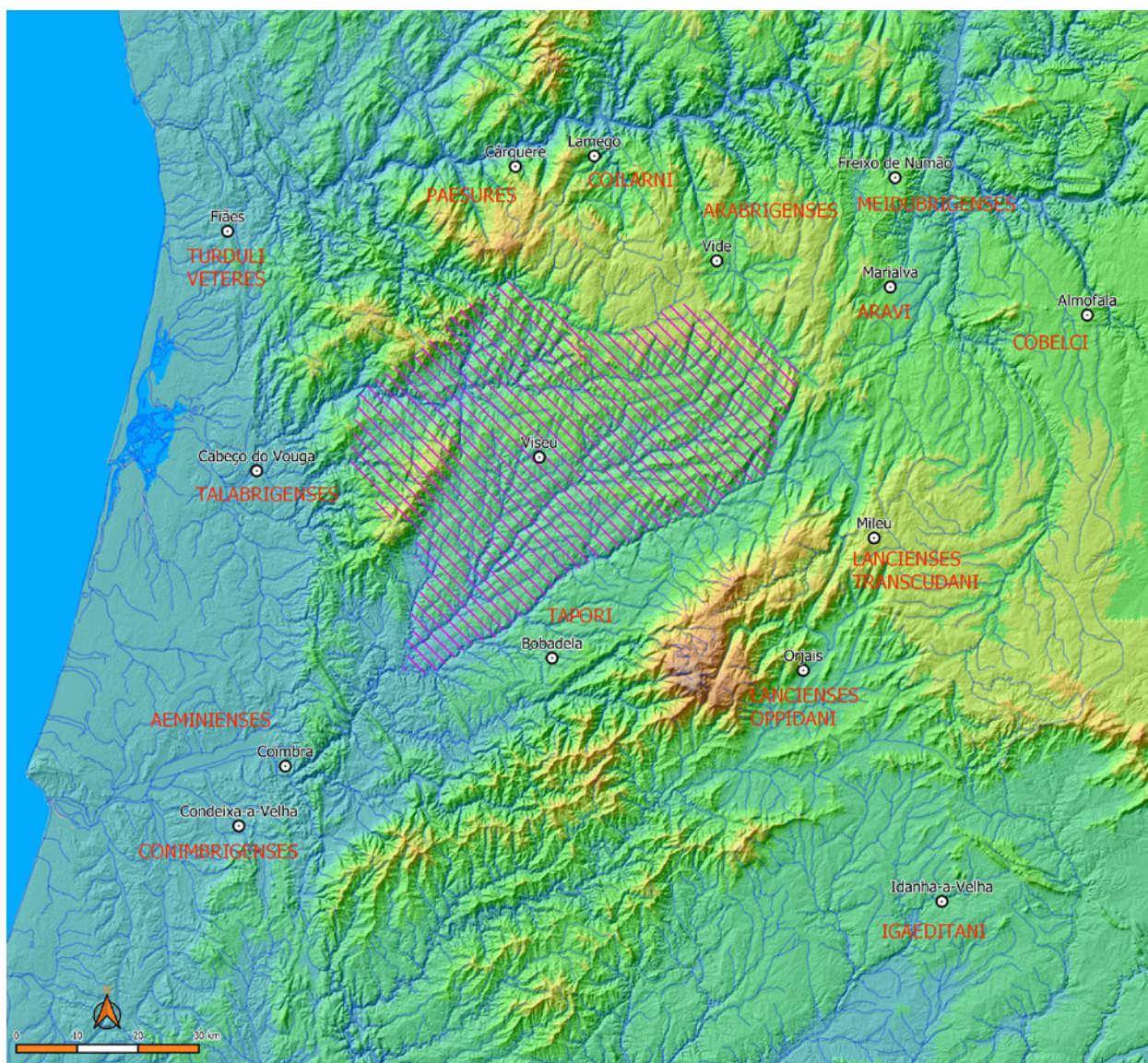


Figura 1 – Norte da Lusitânia e a *ciuitas* dos *Interannienses*.

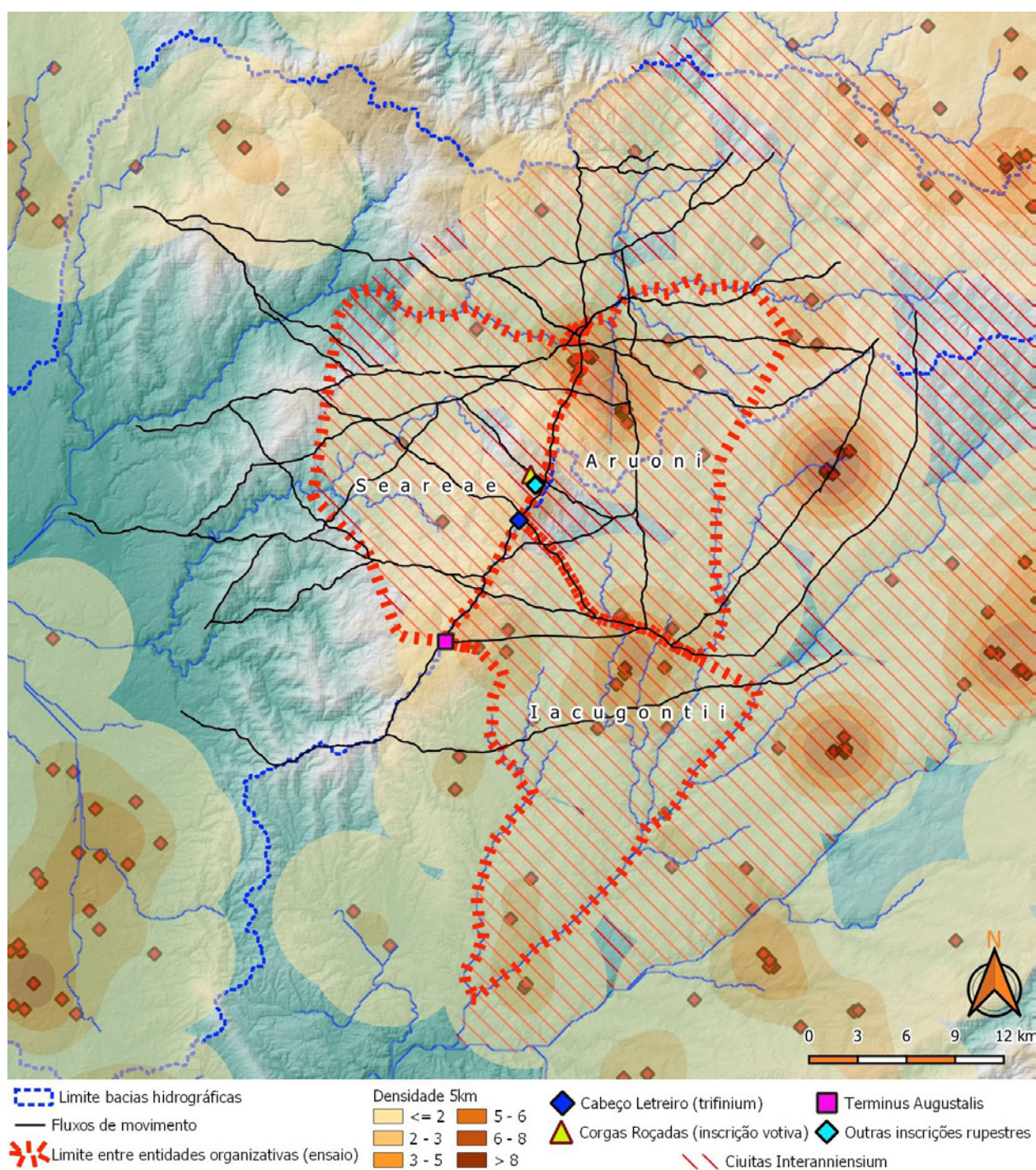


Figura 2 – Mapa de densidade de povoamento na época romana, fluxos de movimento e epigrafia.

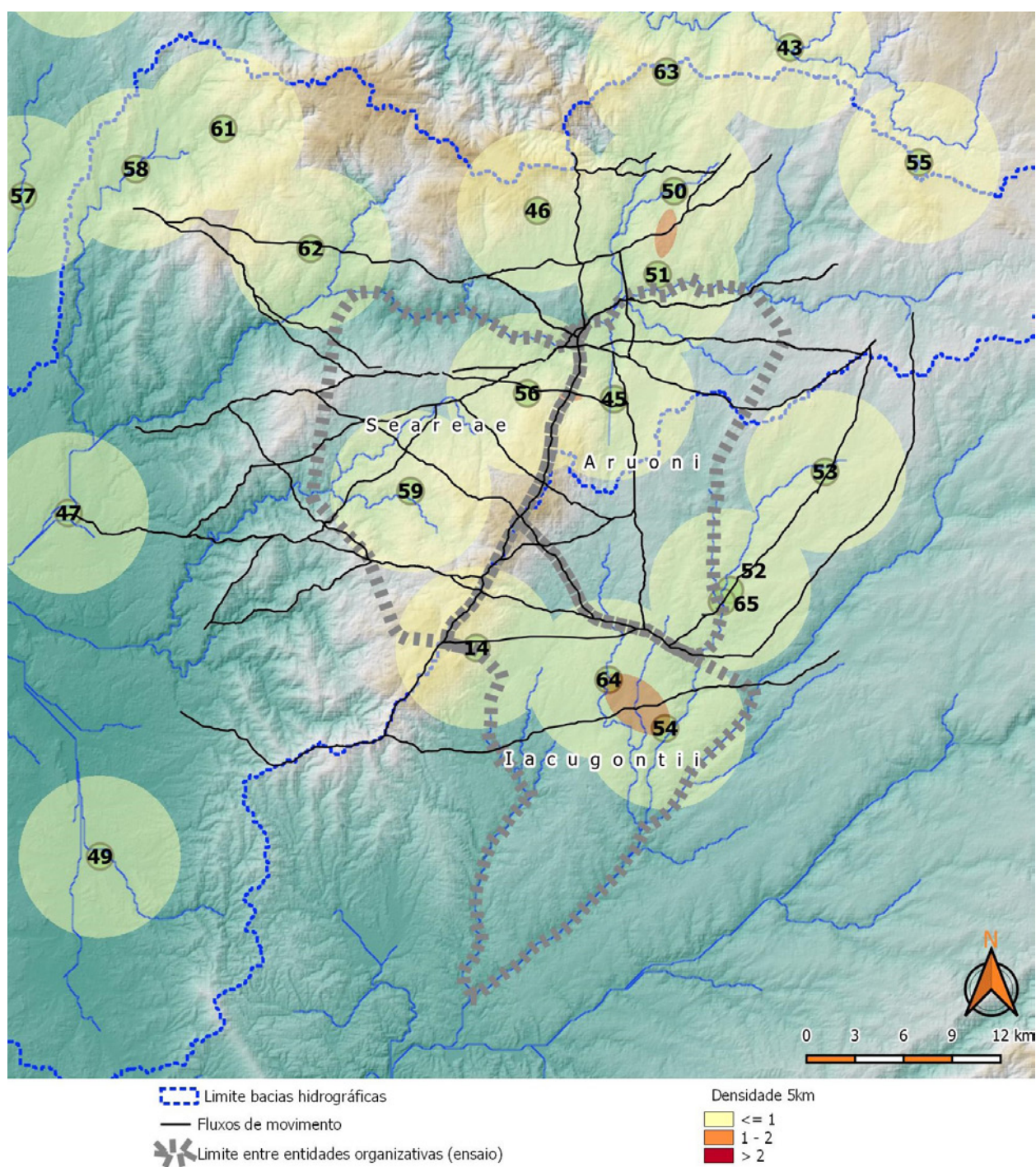


Figura 3 – Mapa de densidade de povoamento na Idade do Ferro/transição para a época romana e fluxos de movimento.

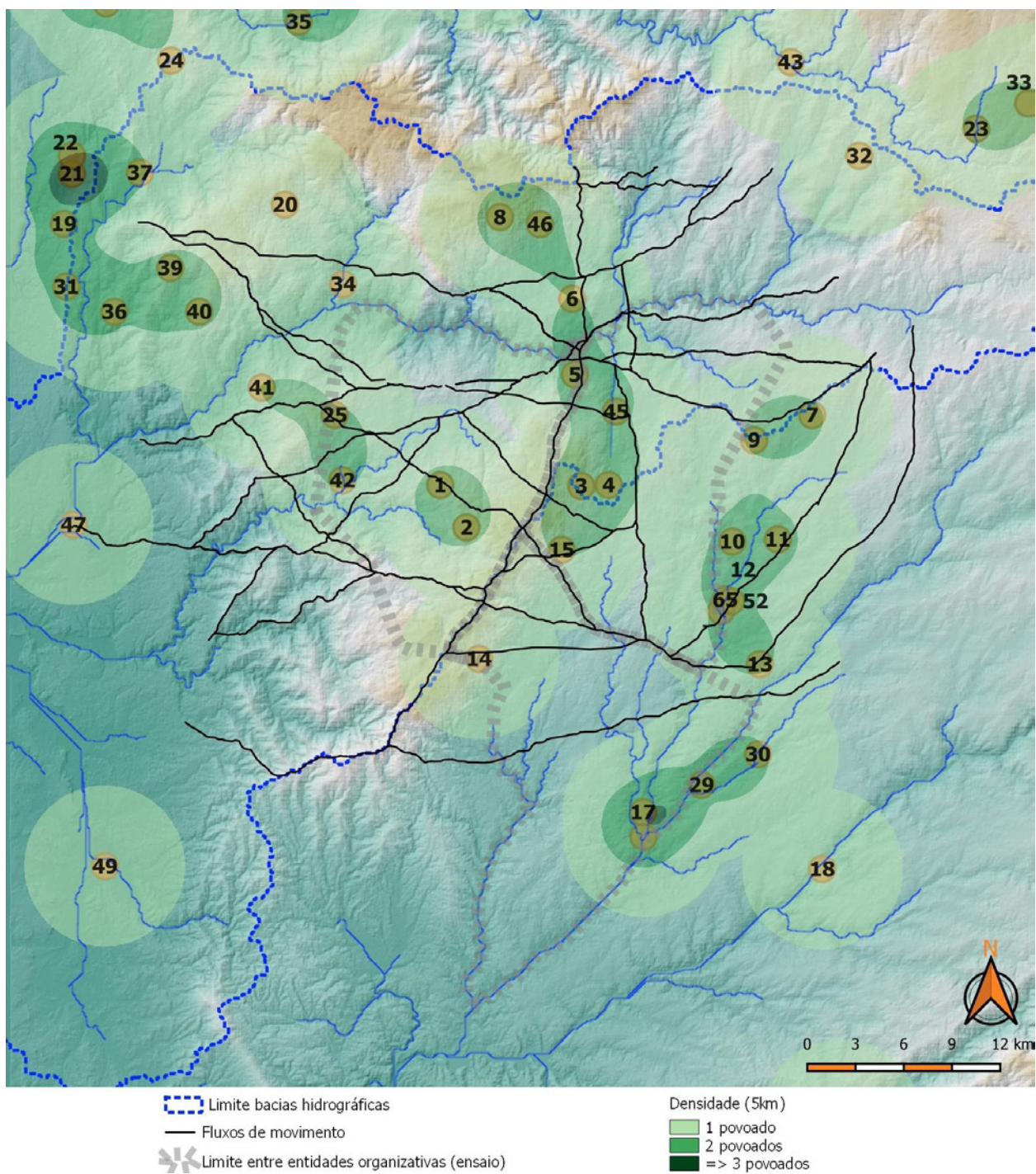


Figura 4 – Mapa de densidade de povoamento no Bronze Final/Idade do Ferro e fluxos de movimento.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO: INEQUILIDADE DE LETRAS - UE
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**